

Recaem dúvidas sobre Zélia.

A assessora econômica do presidente eleito Fernando Collor e praticamente ungida à condição de futura ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, tem planos de ajuste que vão na direção certa, mas os membros de sua equipe ainda estão falando num programa muito genérico. A análise é do ex-ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, em conversas com empresários e economistas. Simonsen estaria, porém, convencido da firme disposição, tanto de Collor quanto da própria Zélia, em levar adiante medidas sérias, capazes de efetivamente quebrar a espiral inflacionária.

A verdade, no entanto, é que vários economistas e empresários têm levantado dúvidas quanto à real capacidade de Zélia Cardoso de Mello comandar de fato a economia. Um exemplo da superficialidade com que a equipe econômica de Collor tem abordado os problemas está na questão dos cartórios. "Os assessores dão entrevistas prometendo acabar com o monopólio do cimento, por exemplo. Mas de que maneira eles pretendem fazer isto?" — questiona um ex-presidente do Banco Central. "Qual o cacife que o novo governo tem de fato para agüentar uma briga com Antônio Ermírio de Moraes ou com a indústria automobilística por muito tempo?" — acrescenta.

A mesma avaliação faz um dos principais líderes empresariais do País. No plano formal, este industrial tem dado o seu apoio ao programa econômico montado pela equipe de Zélia. Porém, nas conversas informais, ele questiona até mesmo a capacidade técnica da possível ministra. "Receio que teremos um caos na economia" — confia o empresário. "Pelo o que conheço da Zélia, falta experiência e acredito que ela acabará sendo influenciada pelos economistas da linha heterodoxa. O cenário que venho trabalhando é de que vamos ter um novo Plano Cruzado, talvez um pouco melho-



Arquivo/AE

Simonsen: direção certa.

rado, mas que acabará sendo mais um tiro n'água."

A linha de raciocínio de um economista que já fez parte da equipe de governo no passado, é semelhante. Para ele, caso tarde aparecer os resultados do ajuste, Zélia poderá ser tentada a seguir conselhos que buscam medidas e soluções mágicas. Pelo conhecimento que tem das pessoas que cercam Zélia, esse economista teme que ela pudesse ceder, num momento difícil, à tentação de dar um **calote** na dívida pública, ou entrar em rota de colisão com os credores externos. "Pérsio Arida e André Lara Resende são certamente alguns dos economistas que têm grande poder de influência sobre Zélia, assim como Luiz Gonzaga Belluzzo, um dos pais do Plano Cruzado, e João Manoel Cardoso de Mello, que, além de tê-la introduzido na vida pública, é seu parente.

Consistência

"As pessoas trabalham sem saber o que Collor pensa", reflete o economista José Augusto Savasini, da Rosenberg & Associados. Exemplo disso é que pelo menos dois dos economistas do grupo de Zélia, Eduardo Modiano e Ibrahim Eris, nunca conversaram com Collor.

A proposta de um pacote austero, enfatiza Savasini, colocará o presidente eleito frente ao dilema de liderar as próximas elei-

ções, em outubro, em plena recessão econômica — justamente quando serão escolhidos não somente deputados e senadores mas também os governadores de Estado, eventuais candidatos à sucessão presidencial de 1994, se antes já não houver vingado o parlamentarismo.

— Tudo o que está saindo na imprensa tem 50% de margem de erro — observa Savasini, citando a impossibilidade de definir um BC independente sem antes acertar a parte fiscal.

A economista Maria Cristina Pinotti, da USP, entende que a questão chave é a da **consistência** do plano de Collor. "Nada poderá ficar desamarrado, como a taxa de câmbio, por exemplo. E a amarração tem que satisfazer os especialistas que estudaram em Harvard e não vão deixar de especular contra o governo, se houver brechas."

Pinotti acredita numa política de rendas combinada com o ajuste fiscal e monetário, ou seja, numa combinação de heterodoxia com ortodoxia — mas excluindo congelamentos. "Se houver uma boa administração da oferta e da demanda na economia, nem se precisa de um congelamento" — ressalta. Mais do que isso, sua preocupação é que o governo não perca os quatro meses do início do mandato, que, segundo calcula, Collor terá para errar — ou para acertar — quer dizer, o **período de graça**. Segundo disse não adianta começar com inflação zero e depois ver os preços ascendentes. "A inflação pode até começar mais elevada, mas após os quatro meses, deve ser declinante. É o contrário do Plano Cruzado".

O consultor José Paschoal Rossetti traçou três hipóteses para o programa Collor. A primeira é chamada de **choque heterodoxo não convencional** — uma espécie de Plano Cruzado mas levando a sério a parte fiscal e monetária e acrescentando um contingenciamento dos agregados financeiros

ão-monetários (diminuição da liquidez dos títulos da dívida pública, fundos de curto prazo, poupança, CDBs, **overnight**). A segunda é um **choque heterodoxo convencional**, um Plano Cruzado em recessão econômica. A terceira, um **choque ortodoxo convencional** de alto impacto, brecando gastos públicos e fazendo amplo uso da tributação direta, notadamente sobre os níveis elevados de renda e ganhos de capital.

A primeira semana da economia de Collor começou com disputa de poder entre seus interlocutores — Zélia e Dantas —, avançou com uma espécie de pactotrem as duas correntes, e está teinando com um conjunto de propostas sobre a mesa do presidente, devidamente expurgadas deleias como a de um calote indireto na dívida pública federal de US\$ 60 bilhões, via decretação de um feriado bancário prolongado e no qual os títulos não renderiam juros. Essa versão, disseminada pelo ex-presidente da CVM, Motta Veia, nos meios empresariais pautas, teria ajudado a sepultar a ideia de fazer de Daniel Dantas o ministro da Economia. Sua simplificação, porém, evidenciou que começam a surgir planos concretos para barrar a liquidez dos US\$ 60 bilhões que giram diariamente no **overnight** e que, na prática, podem inviabilizar a execução de uma política monetária austera, indispensável para conter os momentos especulativos em direção aos mercados de risco.

A competência do ministro da Economia, portanto, está em jogo não só na formulação, mas principalmente na execução do programa a ser aprovado pelo presidente. Faltam executivos, não teóricos, adverte o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Arrumando a base política, porém, é uma tarefa própria Collor. E é tão importante, que a ascensão de Zélia como exatamente com sua condição de formar uma equipe para apresentar um programa e contar com compreensão e apoio para seguir e frente.